

# A respeito de escuta. (Escuta como corpo. Corpo como experiência e história)

Gilvan Luis Fogel \*

## *Resumo*

O Tema é escuta. E escuta é entendida desde corpo e corpo, por sua vez, desde e como experiência (*páthos*) e história (tempo). Corpo, portanto, não é *coisa física, material* — biologia, fisiologia, neurologia, etc., etc. Assim entendido, corpo vai coincidir com *vida* e vida fala do acontecimento súbito ou do único e i-mediato ato sentir-ver-perceber-aparecer — *aísthesis-nous*.

## *Palavras-chave*

Escuta; Corpo; Experiência; História; Vida.

## *Zusammenfassung*

Die Frage ist nach dem Hören. Hören wird vom Leib her verstanden. Leib aber wird als Erfahrung (*páthos*) und Geschichte (Zeit) ausgelegt. So gesehen, wird Leib mit *Leben* übereinstimmen. Und als Leben gesehen, ist also Leib der Name für das einzige und plötzliche *Ereignis* fühlen-sehen-vernehmen-erscheinen — *aísthesis-nous*.

## *Stichworten*

Hören, Leib; Erfahrung; Geschichte; Leben.

---

\* Professor Titular do PPGF/IFCS/UFRJ.

1. “Ouvindo não a mim, mas o *lógos*...”, reza o canônico fragmento 50, de Heráclito. Como é ouvir? Ora, ouvindo, escutando! E ouvir *lógos*? Que é isso? Ouvindo o *lógos*, quantos decibéis registra o audiômetro?

Começemos com ouvir, com escuta. Seguramente, ao pé da letra, o ouvir aqui em questão não é ouvir no sentido do *sentido da audição* e que se vai esclarecer na consulta ao manual de fisiologia ou de neurologia — esta escuta não poderá ser avaliada num exame de audiometria. Ainda que, claro, tenha inspiração ou arranque desde este sentido de audição. Talvez, melhor, na escuta ou ausculta médica — aquela que o médico, à antiga, olhos fechados, colando o ouvido no peito ou nas costas do paciente, vasculha tudo que está recolhido, calado, mas pulsando como indício, aceno, sintoma. Ele, o médico, escuta, ausculta e, de olhos fechados, vê — entrevê. Ou mesmo sem colar ouvido nem ao peito e nem às costas, mas só de olhos bem abertos — olhando bem o *cara* na cara, o aspecto do paciente. Olhando centrado, concentrado, agudamente, com olho de lince. Olhar de lince é escuta. Por outro lado, boa escuta, para quem tem ouvidos de ouvir, é ver como quem tem olhos de ver. Sim, pois “o que o coração não sente os olhos não veem”. Mas chega de lero-lero.

2. Escuta, aqui, é centrar-se, concentrar-se no fenômeno, na coisa. Fenômeno é o que aparece, nos aparece. E o que nos aparece é a coisa, são as coisas. Mas o que é coisa, uma coisa? Uma coisa, toda e qualquer, quando aparece, aparece graças a um *sentido*, a uma *força* que *já* se deu e a possibilitou, a pôs aí assim como é, tal como é, isto é, tal como se dá ou aparece — aí, neste sentido já acontecido ou dado, está o fenômeno. Assim sendo, coisa é, na verdade, este sentido, esta força que a faz ser isso que ela é e tal como é — tal como aparece. Um sentido, uma força, isto é, *um lógos* ou *o lógos*. Por isso, é preciso ouvir, não a mim, isto é, a quem vê ou fala, mas o (ao) *lógos*, que é a força reveladora, o sentido realizador. Para *ver-ouvir* este sentido (força) é preciso muita concentração, pois, na verdade, este sentido, possibilitando e mostrando a coisa, ele mesmo e como tal, já se retraiu, já se dissimulou na própria coisa que ele possibilita e mostra. É um exercício de malabarismo, meio de prestidigitador, pois, primeiro, é preciso como que *desver* a coisa para ver, para *poder* entrever o sentido nela presente, mas retraído e dissimulado, e, então, *co-ver* coisa e sentido ou força realizadora/possibilitadora da coisa que aparece e tal como aparece. Este jogo é um limiar — o limiar ou a superfície, que é a vida, a existência. É *extraordinário* que, o que aparece, apareça assim, tal qual aparece!

Mas, atenção! Cuidado! Este sentido realizador, esta força possibilitadora ou instauradora, não é, tal como nosso senso comum imediatamente representa, uma causa (agente, sujeito) *atrás* do realizado, isto é, da coisa, do que aparece, se dá, se mostra. Portanto, o sentido realizador/possibilitador não é uma coisa que se soma ou se acrescenta à coisa realizada/possibilitada, mas sentido (força *lógos*) e coisa constituem um único e mesmo *ato*, um único e mesmo *acontecimento*, uma vez que o sentido (a força, o *lógos*) é aparecer, *só pode* ser aparecer. Este é um ato, um acontecimento de vida, da vida, pois vida é aparecer, mostrar-se — *expor-se, auto-expor-se*. Sim, isso é *extraordinário*.

Vamos tentar explicar, mostrar isso. Vamos fazer um desbordamento, uma perífrase, que é o percurso da elucidação. Um rodeio estratégico, pelo qual, afastando-se, vamos nos aproximar.

3. Coisa, fenômeno, em sendo sentido, é o que nos *sobrevém*, isto é, nos vem sobre e, assim, nos acomete, nos toma, nos agarra — *pega*. *Pega-se* coisa, fenômeno (sentido), mais ou menos, tal como se *pega* gripe, caxumba! Pois coisa, fenômeno, é uma afecção, um *páthos*. Na verdade, é-se pegado, tomado, *agarrado*. E assim é, primeiro, porque o homem é o único lugar e a única hora de toda e qualquer realidade possível. Abstraído o homem, absoluta e inteiramente abstraído ou excluído o homem, toda e qualquer realidade nem é e nem não é, pois foi, teria sido excluída a condição de possibilidade de todo e qualquer real, realidade, ser, isto é, aparecer, dar-se, mostrar-se. Mas, de novo, atenção! — pois ser lugar e hora do real, não quer dizer que o homem seja a causa, o autor, o dono (i.é, o sujeito) do real, da realidade. Em segundo lugar, sendo o homem lugar e hora de todo real possível, ele o é à media que se mostra ser o vivente que é *aberto*, quer dizer, apto ou disponível a ser tocado, afetado. O homem é o vivente que é afetável, tocável, *tomável* (*idem extraordinário!*) por um *sentido*, isto é, por *lógos*, que põe e impõe um modo possível de realidade ser, quer dizer, aparecer, mostrar-se, uma vez que realidade só é realidade, *só pode* ser realidade desde ou a partir do sentido (*lógos*) sempre já interposto e, assim, sempre já vigente ou imperante. O *sempre já* dá a dimensão de súbito, de imediato ou de *salto* de toda e qualquer realidade possível. Em sendo com ou, melhor, *desde* esta constituição súbita ou imediata (salto), e assim (de repente, subitamente) nos *sobrevindo*, isto é, nos afetando, nos agarrando ou pegando, o sentido, todo sentido tem a forma de *transcendência*. Ele é, faz-se ou dá-se como transcendência. Ele nos ultrapassa, nos sobrepassa, uma vez que é *algo*, melhor, *um modo possível de ser* de realidade, que não está no poder de decisão e de deliberação do homem ser ou não ser, acontecer ou não

acontecer, dar-se ou não dar-se. O homem, em sendo aberto ou *livre para* a recepção do sentido, não é, no entanto, livre para receber ou não receber, ser tocado ou não tocado por sentido, por *lógos*. Isso ele não pode, para isso ele não é livre. Por isso, o homem não é nem a *causa* (agente, autor) e nem o *dono* do sentido, isto é, do real, de realidade. Antes, ele é ou está à mercê de sentido, de *lógos*, ou seja, da *forma* ou da gênese ontológica de real, de todo real. Ouvir o *lógos*, pôr-se à escuta de sentido, é entregar-se a esta mercê, abandonar-se ou largar-se a este dom, a esta doação — a esta graça, pois inteiramente *de graça*, em puro salto *ou* doação.

4. *Intermezzo*. Estranho, muito estranho este *bicho homem*, ou seja, um, antes, *o vivo*, *o vivente*, que, *i-mediatamente*, não é *coisa ou algo* nenhum (nem alma, nem espírito, nem vontade, nem matéria, nem córtex cerebral, nem sinapses, nem...), mas só e tão só um *oco*, um modo de ser que é ser possibilidade de ser, enquanto e como ser livre ou aberto (apto, propenso) para ser tomado ou tocado por um poder ser, um sentido ou *lógos*, que em si e por si (em se fazendo ou se realizando, se *expondo* como ação e história, isto é, *tempo*) é possibilidade de ser, de vir a ser *uma* realidade possível. Estranho, muito estranho... Como, de onde, por que e para que este sentido, este *lógos*? E *este* vivente?! Tais perguntas são inoportunas, tardias. Não há isso, nada disso, pois é de graça, é salto, é súbito, é *i-mediato*. Estranho, muito estranho... Evoé! De novo! Mais uma vez e sempre! Na falta de um *quê* e de um *quem* — de qualquer modo, muito obrigado!

5. Nosso tema é escuta. Voltemos e retomemos, pois o circunlóquio — a tal perífrase — já foi longo. Escuta, dissemos, é centrar-se, concentrar-se na coisa, no fenômeno. Ou seja, centrar-se, concentrar-se no *sentido* que faz da coisa a coisa que ela é, tal qual aparece ou se mostra. Mas, pergunta-se: como? *Acordando*, *despertando* para este sentido, para o *lógos*. Este sentido, este *lógos*, é uma abertura, isto é, ele é uma possibilidade, que abre ou libera (liberta) para... possibilidade, a saber, a possibilidade que este sentido é, vem a ser, em se fazendo, em se realizando. Trata-se, pois, de abrir-se ou dispor-se para esta abertura (fazer-se livre para a liberdade) ou disposição (possibilidade). Assim abrir-se e sintonizar-se, isto é, pôr-se no mesmo tônus, na mesma força, no mesmo ritmo ou cadência. Sintonizar-se e sincronizar-se, isto é, pôr-se no mesmo *tempo* — o *tempo*, o ritmo ou o andamento do sentido fazendo-se sentido, auto-gerando-se. Assim, passa-se a co-nascer com o sentido, a ser consanguíneo com ele. Assim co-nascendo, vai-se, de algum modo, que é o do co-nascimento, se co-fazer o sentido se fazendo sentido, isto é,

a coisa se fazendo coisa ou mesmo, e sobretudo, o real se realizando em autogênese. Isso, só isso é o *concreto* — de *concrecimento*. É-se partícipe da realização de realidade. Repete-se o nascimento do mundo. Imita-se, mimetiza-se deus e deuses...!? Esta é a boa versão da platônica teoria ou compreensão do conhecimento como participação ou co-nascimento. Pois, aqui e assim, conhecer é co-nascer (com *idea*, que é o *ver*, *ver physis*, quer dizer, o *nascer*, o despontar e iluminar-se ou mostrar-se), é “con-naître”; saber é *sabor*, ter/ser o sabor das *coisas* (= sentido, *lógos*); *saboreá-las* — e assim, de novo, ser consanguíneo com o real, com o movimento de sua realização. É *degustar* o real; ter, sentir o seu gosto — e, já disse Schlegel, “para o que se tem gosto, tem-se gênio”, ou seja, traduzindo: para o que se tem/é *interesse* (= gosto!) ou se é interessado, nisso e para isso se nasce, se desperta (nasce-se e desperta-se para o que se é, *já se é* e, assim, vem-se a ser o que se é — isso e assim é ser *gênio*, ou seja, *nascido, despertado para*), se co-faz e, então, se participa como criador, como co-criador, partícipe da dinâmica de realização de realidade, isto é, da ou de *criação*. Imita-se o criador, o demiurgo. E *criador, demiurgo*, aqui, não é uma, alguma *entidade*, algum *algo*, mas *o* ou *a* coisa nenhuma e ninguém, a saber, a vida, o fundo da vida, que é o abissal, o salto, o gratuito, a graça e o *de graça*.

Trata-se, portanto, de entregar-se, abandonar-se ao que (= sentido), de algum modo, se é, *já se é*. E este “de algum modo” está dizendo o modo de ser homem, humano. O sentido, um sentido, é sempre uma dimensão, uma possibilidade de vida ou do homem e, então, abandonar-se, entregar-se a um tal sentido (dimensão, horizonte) significa entrar mais na vida, na existência — mesmo *afundar* na vida, na existência, à medida que, assim, entregando-se, abandonando-se ao sentido ou a *um* sentido, salta-se para dentro da vida, para o seu *coração*.

6. O senso comum, o hábito nosso de cada dia, diz: entregar-se — ah, isso é *coisa* passiva; abandonar-se — ah, isso é indiferença, apatia, um *laissez faire*. Não, na verdade, não se trata nem de uma e nem de outra atitude, postura. Esta entrega, este abandono está falando de um modo de ser que não é regido nem pelo passivismo, nem pelo ativismo e nem tampouco por indiferença, apatia. Nem por pressurosa e sôfrega aplicação e nem por preguiça. O que leva, o que possibilita uma tal entrega, um tal abandono é uma estranha atenção, uma estranha tensão, que não se fixa em nada, mas é um solto, atento e alerta — um largado, abandonado — mas que é todo espera. “A espera é um à toa muito ativo”, lê-se num conto de Guimarães Rosa. Todo espera e todo... escuta! Todo escuta, pois todo abandono e entrega ao abandono e à entrega...! Já vimos e dissemos,

escuta é entrega, é abandono, é largar-se à coisa, ao sentido que, *subitamente irrompendo*, faz ou põe coisa como coisa, como *esta* coisa. Escuta, então, é cuidado, *cura*. Escutar é cuidar e cuidar não é mimosear, não é estragar com excessivos desvelos, mas *deixar ser*, quer dizer, fazer com que o que precisa ser (o sentido, a possibilidade) venha a ser. É, sobretudo, *fazendo* espera e escuta, nada fazer, mas só, tão só, deixar ser — acontecer.

Assim, todo espera e todo escuta, *cuidando*, salta-se, *transporta-se* para... o sentido, para a *coisa*, enfim, para o que já é e sempre já foi! Mas, ora, desde e porque súbito ou imediato, não se está, *sempre já* não se está no sentido, na própria coisa, que sempre já se deu, se mostrou?! Saltar para onde já se está, para o que já se é?! E é preciso?! Sim, pois é preciso conquistar para si o que *já* se é — o viver é distraído, o existir é decaído. Esta é a sina do vivente histórico, do vivente que é ação, atividade e drama, ou seja, auto-fazer-se. “No teu fazer, desde o teu afazer, vem a ser o que ou quem tu és”, prescreve, impõe o imperativo vital pindárico. Conquistar, aqui, porém, não é nada de heroico, nada heroicista. Conquistar-se, isto é, *acordar, despertar para* — ser sacudido, levar um sacudidão... pelo próprio sentido. E esta conquista, este saltar para dentro de si, este *repelão e sacudidão* da vida, na e para a vida, em saltando para dentro de sentido, se faz, *precisa* se fazer, de novo, como espera, *como a espera do inesperado*, pois, “se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso”<sup>1</sup>.

7. Essa entrega à coisa, este abandono ao sentido — a escuta — , é de tal modo e monta um fenômeno tão íntegro, que constitui a própria vida do real. Vida, isto é, a *psyché*, a alma! E é tão vida, tão *alma*, que é o *corpo* do real, a *textura* e a *espessura* de toda realidade. É o corpo, a textura e a espessura, que é a vida da vida. Escuta, tal como se viu, é a vida da vida. E esta vida, esta alma, agora, se nos mostra como corpo — o corpo (textura) do real, que é também e sobretudo *corpo*, o *meu* corpo. O corpo do real, mas que, desde e como escuta e espera, desde e como abandono e entrega, se faz também o *meu* corpo. Por isso, isto é, graças a esta participação vital, disse Nietzsche, “o corpo é um pensamento mais surpreendente do que a velha alma”<sup>2</sup>. A *velha alma* é aquela separada do corpo (o espírito da matéria, o dentro do fora, o sujeito do objeto, o ativo do passivo, etc, etc.) e que vai *virar* a autonomia do eu, da consciência, como *a* substância. E o corpo é um pensamento, isto é, um modo de ser, um modo de ver e de acompanhar, que leva

---

<sup>1</sup> Cf. Heráclito, frag. 18, trad. E. C. Leão.

<sup>2</sup> Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-3, 36[35], S. 289 ou *A Vontade de Poder*, Contraponto, Rio, 2008, nr. 659, p. 332.

a uma compreensão mais aguda, mais radical. E é *mais surpreendente* também porque, na participação e como participação, é um fenômeno mais simples e mais completo. E mais simples porque imediato — na verdade, *o* i-mediato. Mais completo porque, de repente, subitamente, tudo e todo — a saber, o fenômeno, a coisa. É neste contexto que precisa se ouvir ainda esta outra fala de Nietzsche: “Por detrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há ainda um senhor mais poderoso, um sábio desconhecido, que se chama *próprio* (*Selbst*). Ele mora no teu corpo, ele *é* teu corpo”<sup>3</sup> O *próprio*, porque súbito e imediato, tudo *a-propria*, isto é, tudo traz para junto de si e, assim, *interpreta*, quer dizer, assim traz tudo à fala ou tudo realiza, em mostrando, em tornando visível. A escuta é o recolher-se neste fenômeno simples, imediato — todo e íntegro. Como isso? De quê realmente se está falando?

O ato de aparecer o homem para o homem, o acontecimento do despertar do homem para o homem, o acordar para o sentido *enquanto tal*, que é o ato ou o acontecimento do real *como* real, a sua *bora*, e, nesse sentido, a própria vida da vida — pois bem, este ato-acontecimento ou *instante* (= hora) é sentir e ver. Melhor: é *ver-sentir*, *sentir-ver*. Um único e mesmo ato, um único e mesmo acontecimento que, aqui, agora, se chama *corpo*. Corpo?! Ou será vida, pura e simplesmente vida e *só* vida? Em alemão, a língua de Nietzsche, corpo (“Leib”) e vida (“Leben”) têm a mesma raiz e, possivelmente, remetem à mesma *coisa*, à mesma *experiência*, ao mesmo fenômeno — ao mesmo e único acontecimento ou ato. Mas deixemos isso, por enquanto.

8. Retomemos a fala de ver-sentir, sentir-ver. Sentir (“*aisthánomai*” e “*aísthesis*”), o *mero*, o *puro e simples* sentir, como se diz, não é, porém, um fenômeno da nossa fisiologia nervosa — não se sente sinapses, nervos aferentes e eferentes; não se ouve decibéis, não se vê comprimento de ondas ou corpúsculos, não se degusta *gran Brix* nas papilas. Tais determinações, ainda que *reais*, *objetivas*, são secundárias, tardias e, no fundo, o puro ou o mero sentir é uma pura ou mera abstração, que chegou *atrasada* na intenção de dizer ou mostrar o fenômeno na sua fundação. E vida, existência, jamais é, jamais se dá ou acontece abstratamente, mas sempre concreta, isto é, *inserida*, *jogada*, *decaída*. Ek-sistência, disse Heidegger, é in-sistência. O *aberto* é sempre *fechado*; a *abertura* é sempre *entulhada*. Assim, por isso, ouve-se o cachorro latinho, vê-se o amarelo do ipê florido, degusta-se uma suculenta manga. E este é, estes são os fenômenos arcaicos, originários, arranque,

---

<sup>3</sup> Cf. Nietzsche, F., *Assim Falava Zaratustra*, I, *Dos desprezadores do corpo*.

ponto de partida para as determinações científicas — as objetividades *segundas*, dizia Husserl. A partir daí, só a partir daí vão acontecer a fisiologia, a neurologia, as sinapses, os decibéis, etc., etc.

Assim é, pois o homem é *ser-no-mundo*, quer dizer, ele sempre já é, sempre já se deu *desde* ou *a partir* de um *mundo*, quer dizer, de um *lógos* ou de um *sentido* que sempre já se deu (salto, subitaneidade) e que, assim, por isso ou *graças a isso*, torna tudo *possível, visível*. Aqui, por *visível* cabe entender *o que aparece, se mostra, se dá — irrompe, salta*. Só vejo o que vejo, só me aparece o que me aparece *porque (graças a) já sou um mundo, um sentido*. Ver é já ter visto, viu Platão. *Já ter visto*, isto é, ser, *já ser* na e desde a possibilidade do ver-aparecer — isso é a *idéa*. Eu mesmo, o *homem* mesmo só é assim e por isso, graças a isso e assim — dom de mundo, dádiva de transcendência, isto é, do sentido, do *lógos, sempre já acontecido, sido*. É o *mundo*, o *sentido* sempre já irrompido, saltado ou *intrmetido* que mostra, que torna visível, que faz aparecer, isto é, *ser*. O homem não é ou há primeiro e (+) *depois* se soma, acrescenta ou projeta um sentido às coisas de modo a fazê-las ser, aparecer. Não. Coisas e (+) homem — *isso é, já é um sistema, uma composição, que já é sempre obra de sentido, de mundo*. Assim por isso, todo sentir, toda *mera* percepção sensível, *já é ver, já é perceber (nous, noein)*. *Aísthesis* (o sentir, a sensação) é sempre já *nous* (percepção) de algo *como* algo, sempre já *como isso ou aquilo*, pois, na verdade, no fundo, vejo, *já vejo sempre desde sentido, lógos*, que sempre já se deu, sempre já aconteceu ou irrompeu. Diz Heidegger: “Em sentido grego, o que é ‘verdadeiro’ (ouça-se: *desencoberto, revelado, alétheia*), de modo ainda mais originário... é a *aísthesis*, a simples (ouça-se: i-mediata) percepção sensível de alguma coisa”<sup>4</sup>. E ainda: “A ‘verdade’ (aqui: = *a realidade, o fato*) da *aísthesis*... é o desencobrimento (= *verdade, alétheia*) originário”<sup>5</sup>.

Este acontecimento, esta irrupção *aísthesis-nous*, sentir-ver, ser-aparecer, isto é, a vida, a existência humana (= *Dasein* enquanto e como ser-no-mundo, ou seja, abertura, ek-stase) é *corpo*. E *corpo* é *algo simples*, pois i-mediato, salto, irrupção. Aliás, nem *corpo* é — e aqui retomamos a observação que deixamos de lado, lá no final de 7. É pura e simplesmente *vida*. Quando se fala *corpo*, nosso hábito, nossa *mania*, é imediatamente contrapor *isso*, a saber, *corpo*, a alma, a espírito. Mas não. Este acontecimento (*aísthesis-nous, sentir-ver, percepção-visão*) é *antes* desta divisão, desta separação (o clássico *chórismos*) e oposição e também disjunção. Todas estas separações, oposições, disjunções, tais como

---

<sup>4</sup> Cf. Heidegger, M., *Ser e Tempo*, § 7, B, Vozes, 1988, p. 64, trad. Márcia Schuback

<sup>5</sup> Idem., § 44,b, p. 295.



corpo x alma, matéria x espírito, enfim, tais separações, oposições e disjunções são posteriores, tardias operações do *intelecto (modos deficientes, diria Heidegger)* na tentativa de esclarecer, explicar, este proto-acontecimento, este *fenômeno originário*, quer dizer, fundador, instaurador e inaugurador, que é *antes e fora* de qualquer começo ou fim — o *corpo, a vida*. Esclarecer, explicar, quer dizer, colocar sob controle o incontrolável, dominar ou domar o indomável, a saber, o salto, o i-mediato — *aquilo que sempre já sou; aquilo com que sempre já conto*. O inocente. O sem por quê, o sem para quê. Sem de onde e sem para onde. O *de graça*, o gratuito, a gratuidade. Querer *fora*, isto é, além ou aquém, antes ou depois de salto — isso é coisa de *l'homme révolté* e de *bípede ingrato*. Ambos são um e o mesmo — o *homo methaphysicus*. O *tipo* do fundamento, o *cara* da vontade de fundamento ou de *verdade antes do salto, fora do círculo* — o impossível. O tipo que não aceita dom, presente, gratuidade e o que se insurge, se rebela contra o finito, a finitude — a doação, a dádiva.

Portanto, o acontecimento fundador, inaugural, *aísthesis-nous, sentir-ver*, o i-mediato, *é corpo*. O homem. A vida.

9. Acima foi dito algo inapropriado. Referimo-nos a corpo como *algo*. Corpo não é nenhum *algo*. Não é nenhuma *coisa*, nenhuma *entidade*, nada *material*. Carne, músculos, pele, sangue, nervos, vísceras — tudo isso são *coisas*, isto é, determinações, posteriores, *já desde ou a partir de corpo*. Corpo (*aísthesis-nous, sensação-percepção, sentir-ver*) é o acontecimento súbito, imediato — *inteira e absolutamente superficial*, isto é, *a-bissal*. Por isso ainda, disse Nietzsche também, que ele, o corpo, *é a grande razão*. Em “grande razão”, “grande” está dizendo *real, verdadeiro, essencial*; “razão” está dizendo *juntar, compactar — junção, compactação*. Então, “grande razão” quer dizer: corpo é a real, a *verdadeira*, a essencial *junção, compactação*, ou seja, a real, a essencial e i-mediata junção-integração (= reunião) em um *um*, isto é, em um *lógos ou sentido*. Lembremos que, só porque há ou dá-se prévia ou antecipadamente uma tal junção-integração em um *um*, em um sentido (*lógos*) — só por isso ou *graças a isso* o que aparece, aparece, *pode* aparecer; o que se dá, se dá, *pode* dar-se<sup>6</sup>. Por *isso, aparece*;

---

<sup>6</sup> Pensar, em sendo o poder de acompanhar o movimento de um aparecer, a dinâmica de um mostrar-se ou revelar-se (Cf. Heráclito, frag. 112) — em sendo isso e assim, pensar é igualmente, sempre, juntar, compactar, reunir em *um* (i.é, em um *sentido*, em um *lógos*), para poder aparecer, mostrar-se, fazer-se visível. Nietzsche viu e entendeu a *coisa* assim, também. Para ele, este poder de junção, de compactação, que ele também chama “*Dichtung*” e “*dichten*” (poesia e poetar ou poetizar) — enfim, tal poder é *corpo*. Daí ser corpo *a grande razão*. Razão, *lógos*, é este poder de compactação, reunião, espessamento e, então, *o corpo é a razão — a grande razão*. Nessa direção, ainda que voltado para um outro interesse (o do conhecimento como uso, apropriação/esquematização, asseguramento e controle), ele faz uma insólita *leitura* e uma aguda interpretação da doutrina kantiana da imaginação e do esquematismo transcendentais. Ele fala do *poder*

*graças a isso, faz-se visível.* Assim, corpo é *coisa* nenhuma, mas só e tão só este acontecimento, esta irrupção — a vida, a existência humana. Ouvir, a escuta, é o recolher-se, o centrar-se inteiramente nisso, neste acontecimento, nesta irrupção. Mas ele, o corpo, ou ela, a irrupção, cada qual, não há em si; ele, o corpo, não acontece em si, como *puro* corpo, como *mera irrupção*. Ele, o corpo, a *vida*, que é *lógos*, é o um que, em si e por si, em tudo, isto é, em todo real possível, se diferencia; se faz *outro* ou se *altera* em sendo o mesmo. Pois não há *o* corpo, mas *muitos* corpos, quer dizer, muitos sentidos possíveis, muitas vidas possíveis (horizontes, dimensões, perspectivas, interesses). Isso quer dizer: *todos* (ou *cada*) os modos possíveis de vida ser, de existência aparecer, fazer-se visível *ou* concretizar-se. Dito ainda de outro modo: as múltiplas dimensões, os múltiplos modos de ser, de aparecer de vida, de existência — a vida, o homem como soldado, como político, como escritor, como pintor, como desportista, como pescador. Pense-se em Santiago, o personagem de *O Velho e o Mar*, de Hemingway. A entrega, a quase *devoção* dele ao ofício-pescar é sempre corpo se fazendo corpo como escuta, corpo-vida como entregar-se, como abandonar-se à *coisa-pescar*. Entrega e até devoção, sim, mas não beataria, não afetação ou falsa devoção, ou seja, nada de tartufaria, nada a ver com as hipocrisias de M. Tartuffe.

---

*poético ou poetizante* (“*dichterisch*”, “*erdichterisch*”) da *razão* — pois *razão* foi um dos sentidos (o dominante, predominante) assumidos por *lógos* (Cf. p.ex. Nietzsche, KGW, VIII-2, 10[159] ou *A Vontade de Poder*, nr. 544 — a este respeito, no entanto, são inúmeras as passagens de Nietzsche a ver e a considerar). “Poético”, “*dichterisch*”, aqui, está dizendo *compactar*, *espessar* e, daí, *juntar*, *reunir*. Portanto, aqui, poético não se refere a fazer versos, rimas, a *cometer* sonetos, pois em “*Dichtung*” (poesia) está contido “*dichten*” e “*erdichten*”, que dizem compactação, espessamento; compactar, espessar. Desse modo, por extensão, juntar, reunir. Assim, no alemão, “*Dichtung*” e “*dichten*”, poesia e poetar, estão dizendo e pensando este juntar, reunir, compactar, espessar — reunir em *um* para tornar ou fazer-se visível. Na raiz desta experiência, pelo menos de imediato, não está a “*poiesis*”, a produção, a criação. Ou, sim, está, mas a “*poiesis*”, a criação ou produção, que precisa ser vista, isto é, pensada, entendida como, em sendo criação, movimento ou jogo (repetição, retomada) de junção, de reunião, de compactação ou *espessamento* em um *um*, isto é, em um sentido (*lógos*) configurador e revelador, em juntando, em compactando num horizonte, num *quadro*, numa *moldura* — o *um* ou *lugar*, *âmbito* e *hora* do aparecer ou mostrar-se, de *todo* aparecer ou mostrar-se possível. Enfim, o sentido, o *lógos*. “Tudo que vive é espesso” (= intenso, compactado), diz um poema de João Cabral de Melo Neto (*Ver Cão sem plumas*, IV). Ao longo das interpretações heideggerianas do *lógos* heraclítico, vê-se justamente a exposição e a explicitação desta junção/compactação/composição como o próprio de *lógos* e *legein*. Nesta mesma direção, com esta mesma compreensão ou *visão*, tem-se esta *especulativíssima* passagem de Santo Agostinho, em *Confissões*, X, 11, trazendo à tona, pelo viés do latim, a mesma experiência de pensamento. O contexto é de reminiscência e de ideias inatas. Lê-se: “...E assim como se fossem novos, é necessário pensar segunda vez nesses conhecimentos existentes na memória — pois não têm outra habitação — e juntá-los (*cogenda*) novamente, para que se possam saber. Quer dizer, precisamos de os coligir (*colligenda*), *subtraindo-os a uma espécie de dispersão*. E daqui (*cogenda*, *cogo*) é que vem *cogitare*, pois *cogo* e *cogito* são como *ago* e *agito*, *facio* e *facito*. Porém, a inteligência reivindicou como próprio este verbo (*cogito*), de tal maneira que só ao ato de coligir (*colligere*), isto é, ao ato de juntar (*cogere*) no espírito e não em qualquer parte, é que propriamente se chama *pensar* (*cogitare*). [Vozes, Petrópolis, 1988, trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina]. Onde Agostinho escreve “espírito”, aqui, em nosso contexto, leia-se *corpo* (“*Leib*”) e *vida* (“*Leben*”).

Mais uma vez, há que considerar-se esta entrega, este abandono. Já se disse, não é um abandono apático, uma entrega indiferente. Mas é entrega, é abandono! Largado ao sabor, à mercê da *coisa*, da dimensão ou do horizonte que se é, no qual se está, tal como se está em um *elemento*, o *meu* elemento — mas não indiferença, apatia. Aqui, vem-nos um verso de Fernando Pessoa/Alberto Caeiro, em *Poemas Inconjuntos*: “Sentir é estar distraído”<sup>7</sup>. Como distraído?! Tal como estamos apresentando, não é isso, este sentir, a máxima atenção, a maior concentração? Ser distraído, aqui, quer dizer, *fora de si*, onde este *si* é o eu, a minha subjetividade, a minha consciência, o meu propósito ou a minha deliberação voluntária. Assim distraído (*distraere*) de si, está-se liberado para entregar-se, abandonar-se à coisa, isto é, ao horizonte, à dimensão. A *coisa*, o horizonte ou a dimensão, ou seja, o sentido — esta ou este é o norte, melhor, o *elemento*. Assim, nesta entrega e abandono, é-se ou está-se seriamente, gravemente num jogo, no jogo que é a nossa, a *minha vida* nisso que faço e como faço — no meu *ofício*. A minha história *ou o meu tempo*. Neste abandono sério, nesta grave entrega, é-se ou está-se como que *esquecido de si*. Este esquecido do si, na verdade, é sempre o fazer-se da lembrança do *medium* — mesmo a condição para que se dê, se faça ou aconteça tal lembrança; da recordação, retomada ou repetição do *elemento*, isto é, *do corpo*. Assim eles, corpo e elemento, entranham-se, fazem-se entranha. É a *incorporação* ou *encorpação* de corpo. Quer dizer, é corpo, desde e como corpo, se fazendo corpo; é escuta, desde e como escuta, se fazendo escuta. A *coisa*, o fenômeno em questão, aí e assim *crece*, quer dizer, ela não se avoluma, não engorda, mas se *intensifica*, se *agrava*. Ela, a *coisa*, fica até mais fina, mais magra, isto é, muito mais intensa e seca. Alma (a vida, o alento, o vigor) seca é a melhor, mais forte, vigorosa, viu e disse Heráclito<sup>8</sup>. Até o úmido, para ser úmido, para agravar e intensificar a umidade que é, precisa, *enquanto e como úmido*, ser, tornar-se seco, *mais seco*, isto é, assim, *in hoc signo*, torna-se *mais úmido* — uma umidade *enxuta*. *Mais espessa*. Trata-se da apuração de uma identidade, da intensificação, do agravamento de um próprio. De uma *essência ou força*.

É neste contexto, sob esta aura ou hausto, que se precisa ouvir e entender este aforismo nietzschiano: “Seriidade, gravidade do homem (*des Mannes*, i.é, de um *vir*) — isto quer dizer: ter re-encontrado a seriidade, a gravidade, que, quando criança, tinha no jogo, na brincadeira”<sup>9</sup>. Quando em questão está o pensamento, a filosofia, esse *negócio* de

---

<sup>7</sup> Cf. Pessoa, F., *Obra Poética em um volume*, Aguilar Editora, Rio, 1974, pág. 236.

<sup>8</sup> C. Heráclito, frag. 118 (Diels-Kranz).

<sup>9</sup> Cf. Nietzsche, F., *Além do bem e do mal*, nr. 94.

vida, corpo, escuta — *isso é coisa séria, grave*. Aqui e agora, com toda propriedade, diz-se, precisa-se dizer: vamos, pois, ao *jogo*, porque o trabalho é *roubo!*

10. Fechemos estas considerações sobre escuta e corpo dizendo que, corpo, enquanto escuta, escuta e espera, é, na verdade, *experiência e história*. Corpo, sendo escuta, faz-se ou dá-se enquanto e como experiência e história. Sim, experiência e história dizem ou mostram bem, muito bem, o modo como se faz corpo/escuta, isto é, a vida, a existência humana. Corpo, antes de ser qualquer *matéria ou tecido*, antes de ser pele, carne, *músculos*, vísceras e tripas (tudo isso é real, verdadeiro! Mas é secundário, segundo, posterior, tardio! E, principalmente, corpo, aqui, nada tem a ver com *malbação*, com rijos e modelados glúteos...!) — *antes* de tudo isso, corpo é, pois, *experiência e história*. Ou, se se quer, sim, experiência e história constituem a matéria, o tecido da vida enquanto e como corpo. Experiência está dizendo *páthos, afecção* — mesmo *humor*. O homem, sendo abertura ou possibilidade de ser, isto é, *livre ou aberto para*, é receptividade, ou seja, ele é ou *pode* ser (tal poder-ser, porque vital ou existencial, é necessário; não pode não ser, pois. Aqui não há, não se faz contingência lógica) tocado, tomado *por...* uma possibilidade de ser, uma dimensão, um horizonte, um verbo (sentido, *lógos*) do/no viver ou existir. Tal modo de ser se apodera, se apropria do homem, que é o vivente apoderável, apropriável, ou seja, tocável, tomável — afetável. O homem, por ser *abertura, possibilidade de ser*, é o vivente que se deixa ser apoderado, apropriado, pois se faz tocável, afetável e, então, se faz usável. O afeto usa, o *páthos faz uso do homem* para ele, afeto, vir a ser o afeto que é e, assim, apropriando-se *do* e usando *o* homem, faz, quer dizer, possibilita igualmente o homem vir a ser o homem que é, o homem que pode e virá a ser, *se se fizer* (!), a saber, o escritor, o pintor, o engenheiro, o médico, o ator, o pescador, p.ex., o Santiago, lá de *O Velho e Mar*. Viver é ser-fazer. O afeto apodera-se, *apropria-se* do homem, de *um* homem, ou seja, ele, o afeto, então, dá ao homem assim apropriado, concede-lhe o *seu* (*do afeto*) *próprio*, o seu modo próprio de ser, que será também o próprio, a identidade do homem, *deste* homem assim apropriado e usado na ação, como ação ou atividade, p.ex., o *caso* de Santiago-pescador, lá em *O Velho e o Mar*.

E tal experiência, no e como o mesmo ato, abre, inaugura um *movimento, um tempo*, pois *toda* ou *cada* coisa (= sentido, *lógos*) *tem* seu tempo, *é* seu tempo, quer dizer, um ritmo, um andamento muito próprio no e do seu fazer-se, realizar-se, *expor-se*. Escuta revela, evidencia este *tempo*, este *andamento*, este *ritmo*. Então, vai sintonizar-se, sincronizar-se com ele. Pôr-se no mesmo tónus, no mesmo registro. O revela e o deixa ser, *permite ou consente*

que ele venha a ser, se faça. É o tempo, o andamento, que é o movimento, a dinâmica de realização desta experiência, de sua auto-exposição, em usando, em fazendo uso do homem, o usável, o apropriável, pois tal *coisa-tempo*, constituindo-se numa experiência, é vida se concretizando e vida, em si e por si (de graça!), é aparição, exposição, auto-exposição, quer dizer, movimento que, desde si mesmo, move, põe, *expõe* ou realiza a si mesmo — *alma, psyché*. Aparecer, puro e simples aparecer — aparição, transbordamento. E isso é, sim, uma *viagem*<sup>10</sup> — *história*. Tempo se fazendo tempo — *expondo-se, auto-exposição de vida*. A viagem, a história que é a vida, a existência humana, sendo tecida, cunhada no fazer, modelada no afazer, no *ofício* — portanto, em lida, em ocupação *séria, grave* com uma coisa (sentido, *lógos*). Cunhagem, modelagem de vida, de existência em ação, em atividade. Isso caracteriza o tempo, que é história. Mais uma vez, é tempo se fazendo tempo e, assim, esculpindo uma vida. Cada uma e cada qual. No corpo, como corpo. Em escuta, como escuta. Escuta e espera. E: “se não se espera o inesperado...”

Começamos com o fragmento 50, de Heráclito (“Ouvindo não a mim, mas o *lógos*...”). A partir do que foi dito, sentimo-nos no direito de concluir com o 19, que põe e impõe: “Não sabendo/podendo ouvir, não sabem/podem falar”. Está dito.

---

<sup>10</sup> *Erfahrung*, experiência, de *fabren*, viajar (e ver!), diz o alemão e viu e explorou Hegel. A *Fenomenologia do Espírito*, enquanto e como *experiência* (“*Erfahrung*”) da consciência, é a *viagem, a história, o tempo da consciência* se fazendo consciência, isto é, *da vida* se fazendo vida, pois, para Hegel, a consciência *maturada* é vida. Quer dizer, consciência torna-se, vem a ser vida. Deixemos isso, porém, para lá, de lado, pois isso já é outra musa, outra *estória*...